

**PERFIS DESVIANTES NA NARRATIVA POLICIAL:
O BANDIDO E O MALANDRO NA OBRA DE LUIZ ALFREDO
GARCIA-ROZA**

Tatiana Helich¹
Valmir Moratelli²

RESUMO: Ao analisar a narrativa *O silêncio da chuva* (1996), de Luiz Alfredo Garcia-Roza [1936-2020], busca-se pensar papéis sociais (GOFFMAN, 2008), a questão do desvio (VELHO, 2013) e a linha tênue entre a figura do bandido (RODRIGUES, 2015), e a do malandro (DAMATTA, 1979), através de dois personagens: a secretária e o assaltante. O objetivo é analisar como são construídos estes tipos na narrativa policial na discussão social da representação.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa, Garcia-Roza, O silêncio da chuva, crime.

ABSTRACT: By analyzing the narrative *O silêncio da chuva* (1996), by Luiz Alfredo Garcia-Roza [1936-2020], we seek to think about social roles (GOFFMAN, 2008), the issue of deviation (VELHO, 2013) and the fine line between the figure of the bandit (RODRIGUES, 2015), and that of the rogue (DAMATTA, 1979), through two characters: the secretary and the robber. The objective is to analyze how these types are constructed in police narrative in the social discussion of representation.

KEYWORDS: Narrative, Garcia-Roza, The silence of the rain, crime.

“O que dá de malandro regular, profissional / Malandro com aparato de malandro oficial / Malandro candidato a malandro federal / Malandro com retrato na coluna social / Malandro com contrato, com gravata e capital / Que nunca se dá mal (...)”
(*Homenagem ao malandro*, de Chico Buarque)

¹ Tatiana Helich é doutoranda do PPGCOM da PUC-Rio. Integrante do Grupo de Pesquisa “Narrativas da vida moderna na cultura midiática – dos folhetins às séries audiovisuais”. Email: tatihelich@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1078-6225>

² Valmir Moratelli é doutorando do PPGCOM da PUC-Rio. Integrante do Grupo de Pesquisa “Narrativas da vida moderna na cultura midiática – dos folhetins às séries audiovisuais”. Email: vmoratelli@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6071-1360>

“O crime para mim não é o problema, o crime para mim é o enigma. (...) O problema tem solução, o enigma não. O enigma tem uma decifração. E toda decifração é ambígua. Então é isso que me interessa.”
Luiz Alfredo Garcia-Roza em entrevista (WIESER, 2010, p.114).

Um executivo é encontrado morto com um tiro, sentado ao volante de seu carro estacionado no Edifício Menezes Cortes, no Centro do Rio de Janeiro. Esta notícia poderia compor as páginas dos principais jornais, mas é o crime central que o detetive Espinosa tem que investigar nas páginas de *O silêncio da chuva* (publicado pela primeira vez em 1996)³, obra de Luiz Alfredo Garcia-Roza [1936-2020]. Meninos de rua, prostitutas, polícia corrupta, detetive honesto, donas de casa, professores universitários, executivos, secretárias, mulheres ricas e pobres, comerciantes, travestis. Essas personagens compõem o cenário urbano de uma grande cidade, mas também integram a lista de personagens envolvidas nos crimes contados pelo autor carioca. O objetivo deste artigo, é compreender como se dá a construção de dois desses tipos peculiares, o malandro e o bandido, inseridos na narrativa policial de Garcia-Roza.

Em *O silêncio da chuva*, primeiro livro do autor (Figura 1), o detetive Espinosa é apresentado como um inspetor de polícia que, enquanto investiga a morte do executivo, precisa lidar com a aparição de múltiplos personagens que compõem o mistério do crime principal e que estarão envolvidos em sumiços e em novos assassinatos. A forma de o detetive se deslocar revelaria uma maneira de o indivíduo reagir na contemporaneidade, que lida constantemente com os estímulos e impulsos de viver em uma metrópole. Conforme defende Simmel (1983 [1903]), o indivíduo urbano acaba desenvolvendo uma *psique* voltada para a previsibilidade, para o caos urbano, que gera a angústia do medo: de ser vítima e de ser culpado.

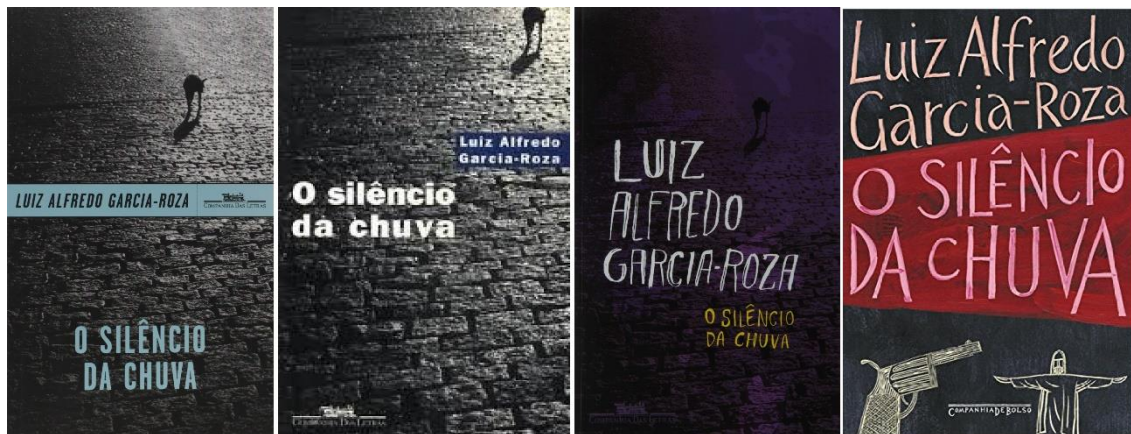


Figura 1 - Capas do livro *O silêncio da chuva* em suas diferentes edições. Reprodução da Internet.

Neste artigo interessa focar em dois personagens aparentemente secundários na narrativa, mas que acabam ganhando um certo destaque na ação da trama ao lado do detetive

³ Livro vencedor dos prêmios Jabuti (1997) e Nestlé (1996) e primeiro romance policial publicado pelo autor.

Espinosa: a secretária Rose e o assaltante Max. Por ocuparem posições não privilegiadas das camadas socioeconômicas, essas duas figuras poderiam ser invisíveis e o suposto primeiro culpado logo julgado. Contudo, em suas histórias, Garcia-Roza dá voz aos “invisíveis sociais”, não para os vitimar, mas para mostrar os limites e as ambiguidades da mente e da alma humana. O autor apresenta indivíduos que assumem diferentes “papéis sociais” (GOFFMAN, 2008), podendo desempenhar um pouco do bandido, do malandro, mas também mostrando uma ética por trás do erro.

(...) Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que parece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem em relação a ele (GOFFMAN, 2008, p.18).

Ou seja, os papéis sociais estão fadados a um duplo-agente: o do desempenhar e o do ser interpretado. A figura do malandro é habitualmente representada no imaginário popular numa construção ideológica e romantizada, ao apresentá-la domada, vencida pelo trabalho, congelando-a no tempo e no espaço.

O malandro do começo do século passado traduz “a irreverência do espírito carioca, em oposição à sisudez do trabalhador paulista. Isto é, glamourizada, inofensiva, a indolência malandra constituiu-se em par antinômico com a disciplina paulista, servindo como instrumento” (DANTAS, 2014, p.4) para a brasilidade genuína.

Também é importante reforçar que *O silêncio da chuva* ganhou versão cinematográfica (Figura 2)⁴, cuja estreia nacional ocorreu em setembro 2021, sob direção de Daniel Filho. No elenco, Lázaro Ramos, Cláudia Abreu, Thalita Carauta, Mayana Neiva, Otávio Muller e Guilherme Fontes.

⁴ Depois da exibição nos cinemas, o filme passou a ser disponibilizado no Now, Google Play, YouTube, Vivo Play e Sky Play.

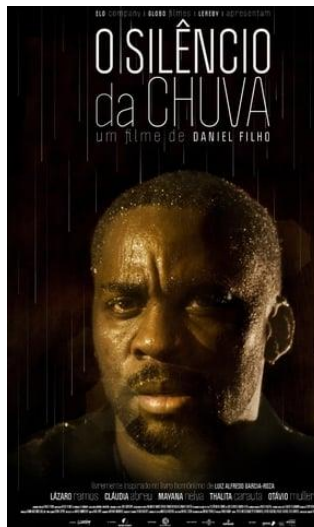


Figura 2 – Cartaz do filme homônimo ao livro. Fonte: Reprodução da internet

Neste artigo, primeiro entenderemos os conceitos de “bandido” e de “malandro” de acordo com as perspectivas de José Carlos Rodrigues (2018) e de Roberto DaMatta (1997) para compreender as representações dos personagens Max e Rose na obra *O silêncio da chuva*. Como protagonista e fio condutor da investigação, o detetive Espinosa, conhecido por sua ética, é o responsável por encontrar o culpado pelo crime. Contudo, buscando identificar o contexto e a mente dos envolvidos no caso, o detetive apenas consegue reunir as múltiplas perspectivas sobre o crime. Como ele é o ponto-chave para julgar o comportamento de Max e Rose, faz-se necessário também discutir sobre o protagonista das obras de Garcia-Roza. Por fim, analisaremos os personagens Max e Rose a partir da construção de seus papéis sociais, como eles se apresentam em determinados contextos e seus comportamentos considerados desviantes, refletindo sobre a linha tênue entre a “malandragem carioca” e o “bandido”.

1. Sobre os papéis sociais

O romance policial adapta-se de acordo com o contexto social. Se, no início do século XIX com o crescimento das cidades era necessário criar no imaginário do espectador um herói capaz de restaurar a ordem, com a ascensão do romance *noir*, na metade do século XX, há uma ruptura na sacralidade da figura detetivesca, na ideia do bem contra o mal. Afinal, o detetive do romance *noir* está imbricado no próprio sistema do crime, um indivíduo comum, capaz de errar, de se corromper, bem como também de acertar e de se arrepender. Assim como as cidades, os indivíduos são múltiplos, carregam suas próprias demolições e construções.

Em suas obras, Luiz Alfredo Garcia-Roza faz uma síntese da cidade, apresentando tanto as ruas, os becos, os sebos, os restaurantes, as tensões entre as classes sociais, as violências, as mazelas, a loucura presente no indivíduo, o medo, a insegurança e até mesmo as atitudes que aparecem diante de situações-limite. Ele mostra que há muito do Rio de Janeiro que ainda está oculto pelas sombras e pela invisibilidade social. Aqui, a ideia de palimpsesto ajuda a

caracterizar a cidade, que sempre precisa ser lida em seus rastros e que está sempre incompleta, conforme Renato Cordeiro Gomes (2008), pois muda de acordo com o tempo, com o dia, com os diferentes tipos urbanos que por ela passam.

Os textos policiais de Garcia-Roza exibem a contemporaneidade, entram no contexto do século XX e XXI e expõem as diversidades das facetas urbanas, transformando a cidade em personagem e estampando em seus personagens a complexidade da sociedade contemporânea. O detetive, protagonista central, possui as múltiplas versões do fato que ocasionou o crime, mas não é capaz de chegar a uma conclusão sobre o culpado. As questões paralelas ao crime, que está sob investigação do detetive, ocupam boa parte do enredo, pois mostram o labirinto urbano do crime na cidade.

Como nosso objeto central é a construção da secretária Rose e do assaltante Max, discutiremos como ambos desempenham o papel do bandido e do malandro, duas figuras emblemáticas na cidade do Rio de Janeiro, estando apoiados numa lógica ética. Ao pensar o papel do malandro, usaremos como referência a explicação desenvolvida por José Carlos Rodrigues (2015) a partir do pensamento de Roberto DaMatta (1979), em que seria uma “espécie de sociologia nativa, sobre os modos de aplicação das regras no Brasil” (RODRIGUES, 2015, p. 9), um modo de viver em palcos, cenários, que alternam de acordo com as situações, “segundo quem, quando, onde, como...” (RODRIGUES, 2015, p. 9), conforme o antropólogo:

“Malandro” agora está cada vez mais sendo quem tem jogo-de-cintura, quem é astucioso, aquele que tem vivacidade, que é engenhoso, improvisador, matreiro, que tem ginga, jogo-de-corpo... Malandro(a) cada vez mais é pessoa ou comportamento malicioso, perspicaz, que habilita a driblar as dificuldades, a dar-se bem e a safar-se das adversidades, convertendo-as em favoráveis. Como malandro cada vez mais é adjetivado quem tem lábia, quem é sedutor, o come-quieto, o que sabe descobrir atalhos, quem é capaz de ardis e artimanhas, quem pode resolver problemas difíceis com pequenos truques ou “só na conversa”. Malandro(a) está passando a ser principalmente quem transforma fraqueza em força, quem “verga, mas não quebra” (RODRIGUES, 2015, p. 9-10).

O crítico Antonio Candido, em *Dialética da malandragem* (1970), ao se dedicar à análise do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, defende que o protagonista, Leonardo Filho, é obrigado “à mentira, à dissimulação e ao roubo” (CANDIDO, 1970, p. 69), devido ao choque áspero com a realidade. Essa explicação dos atos de malandragem através do contexto social é uma prática recorrente, portanto, em nossa literatura. O malandro precisa ser esperto para sobreviver em meio ao caos urbano da civilização, sendo ele um contraponto à própria regra de civilidade e jogos morais que ditam a encenação da vida pública.

Em uma linha tênue, afinal, muitas vezes, “o bandido se comporta como malandro, equilibrando com benemerências as suas contravenções”, também se discute o papel do bandido, refletindo sobre as ações dos dois personagens – Rose e Max – e classificando, dessa forma, as ações e não os personagens em si. Essas ações que levam os personagens a desempenharem diferentes “papéis sociais”, usando o termo de Goffman (2008). Ao performarem de diversas maneiras, esses personagens nem sempre seguem as regras sociais e acabam revelando seus perfis “desviantes”, como aponta o antropólogo Gilberto Velho (2013):

(...) O “desviante”, dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma “leitura” divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes (2013, p. 26).

Em sua obra, Gilberto Velho (2013) discorre sobre a questão do desvio, mostrando que é uma discussão que vai além das fronteiras socioculturais e psicológicas. Contudo, é preciso refletir sobre os amálgamas da sociedade e, entendendo as narrativas como as representações de como seus autores enxergam o mundo atual, faz-se necessário discutir as práticas sociais que envolvem o crime, as tessituras e omissões que também permeiam a cidade urbana, quem julga e quem é julgado, a culpa em punir e a culpa em ser punido, o medo da culpa, o performar para a sociedade e perante à polícia e ao júri.

Ainda que não caiba aqui uma análise comparativa com diversas outras criações da mesma representação do malandro, é importante mencionar que essa figura peculiar circula constantemente pelo imaginário artístico – literário, teatral, televisivo e cinematográfico, já tendo pontuado o protagonismo em várias obras nacionais e internacionais (Figura 3). Em todos os aspectos, se remetem a características já mencionadas, no sentido de um perfil “desviante” quanto à moral e sua conduta na sociedade.



Figura 3 - Filmes nacionais e estrangeiros com o tema da malandragem em diferentes abordagens. Reprodução da internet

Refletir sobre os desvios sociais, aparentemente, não é nada novo, mas necessário para uma melhor compreensão desses perfis considerados desviantes. Vale lembrar que a ideia não é negar a existência das regras sociais, mas sim entender as representações dos indivíduos chamados de desviantes, em obras que mostram determinadas atitudes consideradas moralmente erradas. Roberto Goto (1988) afirma que, no imaginário nacional, a malandragem reúne características associadas ao jeito do brasileiro em geral. Tais como:

(...) hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciados no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, “jeitinho” que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva (GOTO, 1988, p. 11).

A leitura sobre a teia urbana que ronda o crime na narrativa de Garcia-Roza nos faz pensar, portanto, sobre aqueles inseridos na cena do crime e que, através da performance, escondem até as últimas páginas sua culpa, seus medos e seus perfis ambíguos e quem sabe até desviantes.

2. Espinosa, um detetive de múltiplas perspectivas

Mesmo que nosso foco seja discutir a construção da secretária Rose e do assaltante Max, a partir da definição do papel do bandido e do malandro, é preciso, antes, analisar o protagonista de Garcia-Roza, fio-condutor dos seus livros.

Seguindo o exemplo de M. Dupin, de Edgar Allan Poe; Sherlock Holmes, de Conan Doyle; Hercule Poirot e Miss Marple, de Agatha Christie; Sam Spade, de Dashiell Hammet; Philip Marlowe, de Raymond Chandler; Padre Brown, de G. K. Chesterton, entre outros do gênero policial, Garcia-Roza criou um protagonista central em seus livros, o delegado Espinosa. Ao resgatar a fórmula do método lógico-dedutivo de investigação de Poe e Doyle, para solucionar seus casos, mostrando a ciência como instrumento primordial à atividade policial, Garcia-Roza trabalha em suas obras o suspense e as características do romance *noir*, em que apresenta as fragilidades e humanidades do detetive Espinosa.

Garcia-Roza constrói a própria narrativa ao reforçar que nem tudo o que o narrador transmite como conclusão do detetive é suficiente para desfazer as intrigas e solucionar a trama. Interessa para o autor a apresentação da cidade no andar de Espinosa e nos encontros com a multiplicidade de personagens que por ele passam. O detetive mostra os bairros cariocas não com olhar de turista, mas de morador, exibindo os problemas, a violência, a deterioração e o comportamento da população que permeia a cidade. E isso também inclui a importância da secretária Rose e do assaltante Max, personagens que permeiam a história, mas ajudam a organizar as ideias que vão sendo montadas na narrativa.

Em *O silêncio da chuva*, o crime principal ocorre no edifício-garagem Menezes Cortes, no Centro do Rio de Janeiro, bairro que – antes da pandemia provocada pela Covid-19 – era conhecido como centro comercial, onde encontrava-se a maior parte dos escritórios empresariais. Nesta trama de Garcia-Roza, o Centro é o local onde estão a Planalto Minerações, empresa que trabalhava o executivo Ricardo Carvalho, vítima encontrada morta no edifício-garagem, e a delegacia de polícia de Espinosa.

Garcia-Roza parece não pretender apenas escrever um romance policial, mas apresentar e quem sabe até denunciar, por exemplo, a corrupção na polícia e as desigualdades socioeconômicas que estão presentes na cidade. Através do andar do Espinosa pelos bairros do Rio, Garcia-Roza revela as diversas facetas dos moradores dos bairros, os “papéis sociais” (GOFFMAN, 2008) que representam de acordo com o palco que lhes é imbuído. Pelas ruas do Centro da cidade caminham executivos, secretárias, malandros, punhuistas, prostitutas, o trabalhador “caxias” (DAMATTA, 1997), os moradores de rua etc., cada um performando a sua maneira e de acordo com seus interesses.

À primeira vista, um executivo bem-sucedido não teria motivos para se matar, um assaltante poderia atirar com um revólver para assassinar, mesmo que esta não fosse sua intenção, e uma secretária solitária poderia se envolver com o chefe em prol da ascensão na carreira, mas será que seria capaz de matá-lo? Essas são algumas das indagações de Espinosa ao longo da obra.

3. Max e Rose, a malandragem carioca

Ricardo Carvalho, diretor executivo na Planalto Minerações e casado com Bia Vasconcelos, é encontrado morto com um tiro, sentado no banco do motorista de seu carro.

(...) Embora acreditasse que a potencialidade para matar estivesse presente, em igual intensidade, tanto nos criminosos como nos santos, ou sobretudo nestes, Espinosa acreditava também que forças poderosas operam para impedir que essa potencialidade passe ao ato (GARCIA-ROZA, 1996, p. 63).

A arma do crime é encontrada com bicheiros no Méier, zona norte da cidade, e Espinosa descobre que foi vendida por Max, conhecido por praticar pequenos roubos, “o primeiro assalto foi por desespero, mas foi tão fácil e rendeu tão bem, que não viu razão para procurar emprego” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 75). Para se livrar da culpa por carregar a arma do crime, Max incrimina Rose, secretária de Ricardo Carvalho e amante do chefe, que mora com a mãe na Tijuca. Espinosa não sabe, mas, logo nas primeiras páginas da obra, o leitor é informado que Ricardo se matou, Max encontrou o corpo e, como já estava morto, tomou posse das coisas e do dinheiro do defunto. Ao descobrir sobre o seguro de vida do executivo, Max liga para o escritório e fala com Rose, armando um plano para dividir o dinheiro da morte com a secretária e a beneficiária, a viúva, Bia Vasconcelos.

Faz-se necessário explicar que o uso da expressão malandro – ou malandra – será sempre utilizado neste trabalho no sentido já devidamente mencionado na introdução, seguindo a linha de pensamento de Rodrigues (2015) e DaMatta (1979). Mais uma vez, um adjetivo para designar quem tem lábia para seduzir à base de conversa. Assim sendo, tentando ser mais “malandra” que Max, Rose planeja fugir com o dinheiro, mas antes que isso ocorra é sequestrada pelo corretor de seguros, um ex-policial, amigo de Espinosa. Para recuperar a carta do seguro que estava com Rose, o corretor de seguros, Aurélio, mata a mãe da secretária.

Outra personagem é a viúva Bia Vasconcelos, designer reconhecida internacionalmente, que morava com Ricardo em uma cobertura no Jardim Botânico, vivia em um mundo oposto ao do marido e seus encontros estavam cada vez mais raros. Ela se sentia atraída por Júlio Campos de Azevedo, professor de arquitetura e morador de Copacabana, que também manifestava interesse por Bia, mas como ela era casada, ele tinha um relacionamento com Alba, dona de uma academia de ginástica em Ipanema.

Enquanto Espinosa investiga o enigma da morte do executivo, ele encontra ao longo da narrativa esses múltiplos personagens e acaba andando pelas ruas dos bairros Jardim Botânico nas visitas para Bia Vasconcelos, de Ipanema no encontro com Alba, da Tijuca, de Copacabana e do próprio Centro, local do crime. Durante as andanças pela cidade, Espinosa se sente atraído por Bia, mas acaba se envolvendo com Alba e tem de descobrir outros mistérios que rondam o crime principal: o sumiço e morte de Max, o sequestro de Rose e o assassinato da mãe da secretária:

(...) O que tem a ver um rico executivo de uma multinacional, uma velha pensionista da zona norte e um malandro punquista do subúrbio? Nada, nem acidentalmente essas três pessoas cruzariam seus passos. (...) É evidente que Rose é o elo que articula logicamente essas três pessoas e três mortes. Pelo relato inicial de Bia Vasconcelos, Rose desapareceu no caminho para a sua casa após um telefonema no qual dizia que precisava comunicar algo de muito importante sobre a morte de Ricardo Carvalho. Dias depois do seu desaparecimento, sua mãe é torturada e morta sem conseguir revelar, porque não sabia, o paradeiro da filha. Tudo indica que Max foi morto e teve seu

corpo mutilado e queimado pela mesma razão (GARCIA-ROZA, 1996, p. 226).

Mesmo outros personagens também mostrando seus dramas sociais, o foco deste artigo estará em Max e Rose, que, curiosamente, poderiam passar despercebidos pela narrativa, por ocuparem posições invisíveis na sociedade, mas ao qual Garcia-Roza faz questão de dar visibilidade. Dessa forma, ao refletir sobre o comportamento dos personagens em situação-limite, podemos considerar que:

- Max, ao encontrar o corpo do executivo morto dentro do carro, opta por roubar a pasta com dinheiro, a arma e mais o dinheiro da carteira da vítima. Ao ler a carta de suicídio, cria um plano para ficar com o dinheiro do seguro. Max a Rose:

– Se ele tem um seguro, o valor deve ser alto, posso torná-lo inútil, basta mandar uma cópia da carta para a companhia de seguros, o que será uma pena, porque ninguém ganhará nada. Minha proposta é que dividamos a quantia por três, se você se encarregar de convencer a viúva (GARCIA-ROZA, 1996, p. 87).

Para Max, sua atitude em ficar com os pertences da vítima não poderia ser condenável, afinal, ele obedeceu ao último desejo do morto, pois encontrou uma carta da vítima, em que deixava vinte mil reais para a polícia sumir com a arma e não revelar que foi suicídio: “Não estamos fazendo nada de condenável, o dinheiro era destinado a quem sumisse com a arma. Aconteceu de eu estar lá antes de a polícia chegar. Fiz exatamente o que ele queria que fosse feito. O dinheiro me pertence de direito” (1996, p. 91).

- Ao descobrir por Max sobre o suicídio de Ricardo minutos antes de encontrar com ela no edifício-garagem e do seguro no valor de um milhão de dólares, Rose planeja uma estratégia para ficar sozinha com o dinheiro. Afinal:

O prêmio era de aproximadamente um milhão de dólares e a beneficiária, Bia Vasconcelos. Um milhão de dólares é muito dinheiro para qualquer um, mas Rose achava que a viúva poderia prescindir do benefício. Tinha sua profissão e era filha única de um homem cujo patrimônio não era nada desprezível, cedo ou tarde teria seu milhão de dólares. (...) Ser secretária é um estigma, sua mãe tinha razão quando dizia que nas empresas apenas os homens progridem, as mulheres permanecem secretárias até o fim da vida. E em se tratando de uma herança de Ricardo, achava muito mais justo que a beneficiária fosse ela do que Bia Vasconcelos, que nem sequer usava o sobrenome do marido (GARCIA-ROZA, 1996, p. 90).

Observemos como se apresenta a função profissional de Rose, um “estigma” que, a partir desse momento, se justifica como argumento plausível para que ela fosse beneficiária do

valor do seguro. Além do mais, Rose conhecia suficientemente Bia Vasconcelos para saber que ela não se deixaria chantagear.

Segundo a narrativa, a personagem Bia Vasconcelos “era demasiado orgulhosa, preferiria abrir mão do seguro” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 90) para fazer a coisa certa: em caso de suicídio, não receber o dinheiro do seguro. A possibilidade, para Rose, era negociar com a companhia de seguros. A polícia não levantara a hipótese de Ricardo não ter sido assassinado. Evidentemente, para a secretária, não encontrariam o assassino e, passado algum tempo, o caso seria arquivado. Ninguém imaginaria que Ricardo tivesse cometido suicídio – afinal, como nos relata a narrativa, um executivo bem-sucedido não teria motivos para se matar –, e a companhia de seguros teria que pagar à viúva o prêmio de um milhão de dólares. “Se a carta não deixasse margem de dúvidas, poderia ser infalível como instrumento de negociação com a companhia: a carta por quinhentos mil dólares” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 90-91).

Ao ser sequestrada pelo corretor de seguros que queria ter a carta que revelava o suicídio de Ricardo, Rose se vê novamente diante de uma situação-limite: o que fazer para fugir do sequestro ou pelo menos se manter viva? A secretária, então, usa a sedução como arma de defesa – tática já apontada por Rodrigues (2015) como característica da malandragem. Contudo, acaba virando assassina de seu sequestrador, conforme o trecho a seguir:

Ajoelhada, com a cabeça do homem entre as coxas, Rose lubrificava vaginalmente seu rosto, deixando que o nariz a penetrasse até sentir que ele perdia a respiração. Sem sair do lugar, girou o corpo, enfiou a cabeça entre as pernas do homem (...). Ajoelhou-se ao seu lado e seu rosto estava azulado. Procurou sua respiração, estava morto (GARCIA-ROZA, 1996, p. 259).

Ao pensar a estrutura do gênero policial, identificamos: a vítima – Ricardo Carvalho; o detetive – Espinosa; o culpado/criminoso – o próprio Ricardo Carvalho, já que, no final da narrativa, o detetive descobre que a vítima cometeu suicídio. Seria ele culpado e inocente ao mesmo tempo?

Seria uma narrativa simples se Garcia-Roza mantivesse a trama com apenas esses personagens centrais. Os demais poderiam aparecer sutilmente para levantar hipóteses sobre quem matou. Contudo, ao já revelar o mistério para o leitor logo de início, interessa ao autor criar novos enigmas e mostrar as várias faces dos personagens que poderiam ser simples em suas histórias, mas que, em determinados momentos da trama, ganham o protagonismo. Em relação a Rose e Max, dois personagens que tentam usar da malandragem e “esperteza” para enriquecer com a morte do executivo, nosso foco de análise, cada um termina em um fim trágico, alternando de potenciais culpados para vítimas de seus próprios desvios.

Para o sociólogo Erving Goffman (2008), o indivíduo tem concepções diferentes do “eu”, assumindo papéis sociais de acordo com a situação em que está envolvido. Uma vez entendida uma dada interação, o indivíduo passa a gerir a apresentação do seu Eu em relação às impressões estabelecidas. Para ele, “as tradições de um papel pessoal levá-lo-ão a dar uma impressão deliberativa de determinada espécie, e, contudo, é possível que não tenha, nem consciente nem inconscientemente, a intenção de criar tal impressão” (GOFFMAN, 2008, p. 15).

Assim como uma peça de teatro, cada interação social se estabelece de acordo com os atores, com a plateia, e com as expectativas entre eles, em que o cenário serve de palco para o

desenrolar da ação. É na interação que o indivíduo busca através da performance a melhor forma de agir perante uma situação, regulando a conduta e a maneira como é tratado. Quanto mais calculada for a atuação do sujeito em uma interação social, defende Goffman (2008), maior a possibilidade tanto de harmonia quanto de “indução ao erro”, quando há a manipulação do outro.

É essa manipulação e performance dos personagens que interessam para a análise do “desvio social” (VELHO, 2013) que é representado através da narrativa, observando os limites da mente humana em situações-limite e o tensionamento atravessado entre indivíduo e sociedade, quem julga o que é comportamento adequado e o que é caracterizado desvio? Afinal, conhecer os diversos papéis sociais que um indivíduo pode assumir pode ser relevante para entender os “dramas sociais” da vida cotidiana.

Rodrigues (2015, p.19) usa o termo “dramas sociais”, seguindo os ensinamentos de Max Gluckman (1987), Victor Turner (1970; 1974; 1975) e Roberto DaMatta (1979; 1985; 1993), para refletir sobre algumas situações “coletivas ou individuais como sendo episódios especiais em que se encenam e se dramatizam aspectos importantes da vida social”. Aqui, ao refletir sobre os dramas sociais dos personagens criados por Garcia-Roza, estamos, de certa forma, também pensando sobre as diversas experiências do indivíduo contemporâneo.

A personagem Rose é apresentada na narrativa primeiro como a secretária, profissional de alto rendimento com cargo de confiança do diretor, que “a cada dia se dedicava mais à companhia”. Contudo, ao longo da trama, Garcia-Roza nos apresenta os dilemas do mercado de trabalho para as mulheres conforme uma das falas da mãe de Rose: “nesses lugares apenas os homens progredem, as mulheres permanecem o resto da vida como secretárias” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 70).

O autor conta o sofrimento de Rose com a perda do pai e os conflitos amorosos que vivenciou até o relacionamento com o chefe. Ao receber a ligação de Max e descobrir sobre o plano do malandro, Rose vê a possibilidade de “fazer a coisa certa” ao entregar a carta para a companhia de seguros ao mesmo tempo que pode ser mais malandra que o próprio malandro e chantagear a companhia em troca da metade do valor do seguro. Assim, “todos ganhariam”, exceto Max, que roubou os pertences do morto e por ser ladrão não teria direito na divisão, de acordo com o pensamento da personagem Rose.

Além do mais, ela mostraria para ele que é mais esperta e que não caiu na “lábria” do malandro. Percebemos em Rose alguns dos diferentes papéis sociais: secretária dedicada, filha amorosa, inteligente, poderia ser considerada malandra ao tentar dar um golpe para ficar com uma parte do dinheiro do seguro, tirando vantagem do caso.

No âmbito do desvio social, Rose poderia ser considerada desviante por não seguir as normas sociais: denunciar Max, entregar a carta à polícia e avisar o seguro sobre o suicídio. Dessa forma, poderia evitar o sequestro no qual acaba matando o sequestrador e se torna, aos olhos da lei, uma assassina até provar que agiu em legítima defesa.

Já Max, tinha perdido o emprego havia mais de um mês e não conseguia encontrar outro. Cursou o secundário, mas não tinha profissão. Morava em um quatinho com banheiro nos fundos da casa da irmã que tinha filhos. Ajudava nas despesas com o que conseguia de seus roubos:

(...) O primeiro assalto foi por desespero, mas foi tão fácil e rendeu tão bem, que não viu razão para procurar emprego. O esquema funcionava havia um ano. Suas melhores atuações foram no edifício-garagem Menezes Cortes, no centro da cidade, mas se repetisse com frequência o mesmo lugar, arriscava-se a ficar visado. Nunca assaltava homens, sobretudo se fossem jovens e fortes, poderiam reagir, e o revólver de imitação que usava nessas ocasiões não seria de grande valia. Além do mais, nunca atirara em ninguém (GARCIA-ROZA, 1996, p. 75).

Ao encontrar o executivo morto, Max vê a possibilidade de assaltar a vítima perfeita: a que não vai revidar. De acordo com as descrições do personagem de Garcia-Roza, podemos considerar que alguns dos papéis sociais encenados por Max na vida cotidiana são: “o homem da casa” (1996, p. 76), pois não deixava a irmã e os sobrinhos sem o sustento diário; o assaltante conhecido pela polícia por cometer pequenos delitos; o malandro, que pensa em tirar vantagem a partir da morte de Ricardo Carvalho e que, para se livrar da arma do crime e conseguir mais um pouco de dinheiro, vende o revólver a bicheiros; o desempregado, que não conseguia emprego. Em termos de desvio social, Max pode ser considerado desviante por assaltar e furtar, enganar a irmã que acreditava que conseguia dinheiro em troca de pequenos trabalhos e tentar ficar com uma parte do dinheiro do seguro.

Em “Revisitando a malandragem” (2018), José Carlos Rodrigues segue a mesma linha de Roberto Da Matta em *Carnavais, malandros e heróis* (1979) ao analisar algumas figuras de nosso imaginário social. Enquanto os personagens de Da Matta são o malandro, o otário, o caxias e o renunciador, Rodrigues (2018) trabalha com o malandro, o otário, o caxias e o bandido, pois este último “parece perfazer um sistema mais adequado aos tempos que estamos vivendo” (RODRIGUES, 2018 p. 8).

Dessa forma, define o bandido como a figura em oposição a do caxias: “aquele(a) que se coloca inteiramente fora da lei – o(a) que rouba, o(a) que mata, o(a) que vive de golpes, o estuprador, o(a) que trafica, quem explora mulheres e crianças...” (RODRIGUES, 2018, p. 8). De acordo com essa definição de Rodrigues (2018) sobre o bandido, o personagem Max se encaixa ao roubar e viver de golpes.

Contudo, ainda haveria uma linha tênue entre o bandido e o malandro? Alguns comportamentos são facilmente classificáveis quando se olha para o fato em si, mas se torna complexo quando colocado em contexto. Deixando de lado o suicídio da vítima, o primeiro crime de *O silêncio da chuva* ocorre quando Max, ao avistar o motorista morto dentro do carro, opta por levar os pertences do executivo. Em um primeiro momento, ele se aproxima na tentativa de prestar socorro ao motorista. Ao perceber que nada poderia fazer, como um “bom bandido”, ele resolve roubar os pertences de Ricardo. Max rouba, portanto, é considerado bandido, “aquele que se coloca inteiramente fora da lei” (RODRIGUES, 2018) e, com isso, um desviante social.

Nesta mesma situação, se ele não praticasse o crime, o dinheiro ficaria para a polícia encobrir a carta e fazer o seguro pagar o valor para a viúva. No pensamento do personagem, a

polícia com a carta em mãos poderia dar vários finais, inclusive, provar por outros meios que foi suicídio, ficar com os vinte mil e ainda não cumprir com o último pedido da vítima, deixando a viúva sem nada.

A malandragem de Max aparece nesse momento em que “rouba dos ricos para dar aos pobres”, tira do executivo rico já morto, dos policiais com emprego, e da viúva rica, para levar o dinheiro para sua família que, sem emprego, estaria mais necessitada. Se o plano desse certo, tiraria o dinheiro da companhia de seguros, cumprindo o desejo da vítima, e dividiria entre ele, a secretária – também menos afortunada que o executivo e a esposa – e a viúva rica. Para ele, pessoas saíam ganhando e não corporações.

O comportamento de Max pode ser considerado malicioso e perspicaz, com habilidade para “dar-se bem e safar-se das adversidades” (RODRIGUES, 2018, p. 9) como o do malandro descrito por José Carlos Rodrigues (2018). O que ele não contava era em encontrar as artimanhas de Rose, que o enganou “só na conversa”. Ao ouvir o plano de Max, a secretária já sabia que não poderiam contar com a parceria da viúva Bia Vasconcelos, então, decide ser mais malandra que o malandro e consegue, através da lábia, que ele entregue a carta reveladora a ela.

Com a carta em mãos, Rose poderia desvendar o mistério para Espinosa. Ninguém seria preso e o dinheiro ficaria para a companhia de seguros, mas sua vida ficaria nas mãos de Max, que descobriria que ela não seguiu com o plano. Mais que isso, ela continuaria com seu salário de secretária. A única saída para Rose ficar com uma parte do dinheiro seria enganar Max, a polícia e Bia, além de chantagear a companhia de seguros. Esse era o plano até ser sequestrada, não chegando a cometer qualquer crime, tendo apenas conseguido a carta de Max. Enquanto no primeiro momento, ao se ver em uma situação-limite, Rose apenas planeja o crime sem executá-lo, ao ser sequestrada e posta em uma segunda situação-limite, Rose realiza o ato de seduzir o sequestrador para sufocá-lo e, assim, conseguir sua liberdade, cometendo o crime em legítima defesa.

Tanto em Max quanto em Rose, é possível perceber que não são personagens totalmente bons ou totalmente maus. São indivíduos com escolhas, que optam por seguir ora os padrões socialmente aceitos, dentro das regras sociais, ora andar fora da lei. A noção de desvio para o antropólogo Gilberto Velho (2003) diz respeito a uma caracterização social de qualquer comportamento fora do padrão estipulado, podendo variar em diferentes contextos. Para Velho, o desviante é visto como alguém que desempenha apenas um dos possíveis papéis sociais que precisam ser estudados.

Quando um indivíduo infringe uma regra imposta, esse sujeito é visto como um desviante ou, para usar o termo de Howard Becker (2008), como um *outsider*. Contudo, em toda vida social existe a permanente possibilidade do dissenso e, segundo Becker (2008, p.15), “aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são outsiders”. Inclusive, Velho (2003) explica que:

As minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los. Desejos “pecaminosos”, emoções “inconvenientes”, sentimentos “impróprios” são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes. Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais (VELHO, 2003, p.56).

Para atuar diante das normas vigentes, os indivíduos utilizam-se também de emoções e sentimentos que provariam diante de um crime sua inocência ou culpa, pois como é possível destacar na citação acima de Velho (2003), há emoções toleradas ou condenadas pela sociedade.

Mas, quem legitima os padrões de normalidade? Como o “desviante” se vê diante do fato consumado? Entender os sentimentos, angústias, medos e culpas presentes nos indivíduos parece uma das características éticas de Espinosa no momento de pensar o enigma do crime. Afinal, há bandidos que “tempera[m] suas transgressões com atos de solidariedade. Adocica[m] sua força aterrorizante com o oferecimento de proteção” (RODRIGUES, 2018, p. 10) e há também os malandros que, por optarem pela malandragem, acabam por cometer crimes que os envolvem em uma teia sem fim.

Um tema que não se esgota neste trabalho, pelo contrário, possibilita futuras análises que contribuam para o prolongamento de uma interpretação significativa desses chamados “perfis desviantes”, dentro do contexto sociopolítico vigente. É inegável que a realidade brasileira propicia a existência – e permanência – de figuras que transitam na malandragem, porém é de se questionar também o que permite lhes oferecer uma vida longa no nosso cotidiano. Sua representação nas artes, desse modo, em especial na literatura, como o objeto de análise aqui exposto, apenas reforça como é moldada sua existência. O malandro não sai de cena, apenas deixa quieto para regressar do mesmo modo.

Considerações finais

As narrativas contemporâneas fazem uma hibridização dos formatos do romance policial, tendo cada vez menos a conclusão dos fatos pelo detetive, que desde o romance *noir* perde sua posição como detentor da verdade. Nelas, a verdade é posta em dúvida, afinal é possível através da confissão manipular as instâncias de poder e a opinião pública. Essa manipulação ganha protagonismo em narrativas que dão visibilidade para a performance do acusado, transformando sua versão em espetáculo e em produto midiático. O mergulho que Garcia-Roza faz por seus personagens e suas trajetórias até o crime consome todo o enredo, o que torna a impunidade decorrente do fim da narrativa.

No século XIX, os folhetins conquistaram a atenção do público ao trazer os romances policiais e apresentar os detetives-heróis como Sherlock Holmes e C. Auguste Dupin. No século XX, há uma retomada ao gênero policial, mas o indivíduo pós-moderno percebe que não há uma verdade única e que não seria possível a existência de um detetive-herói dedutivo, lógico,

que sempre acerta. As narrativas passam a contar com personagens mais complexos, assim como as histórias ganham desdobramentos que impedem, em muitos casos, desfecho que encerre a narrativa, configurando obras abertas. Não há solução final. Para o detetive, resta apenas seguir o processo de investigação, encontrando múltiplas perspectivas de um caso.

Nas histórias de Garcia-Roza, esses finais ficam em aberto. Sobre os dois personagens, aqui analisados, um foi assassinado, tornando-se vítima de um crime sem culpado; a outra, de tanto alternar entre vítima e culpada, termina em uma clínica psiquiátrica. Sobre o crime principal, é revelado ao detetive nas últimas páginas que foi suicídio, isso é, não teria um culpado. A linha tênue entre o bandido e o malandro se situa nas ações que são desenvolvidas e provocadas por eles próprios, desempenhando papéis que têm interpretações morais. Dessa forma, por fim, entende-se a dificuldade em julgar um comportamento – se desviante ou não – como enigma central da narrativa de Garcia-Roza.

Referências bibliográficas

BECKER, H. S. **Outsiders: studies in the sociology of deviance**. Nova York: The Free Press, 2008.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

DANTAS, A. Malandro que é malandro. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social**, 2(3), 2014.

GARCIA-ROZA, L. A. **O silêncio da chuva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GOTO, Roberto. **Malandragem revisitada: uma leitura ideológica da malandragem**. Campinas: Pontes, 1988.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

RODRIGUES, João Carlos. Revisitando a malandragem. **Alceu**, v.19, n.37, p.6-15, jul.-dez, 2018.

SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 [1911].

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. VIANNA, H.; KUSCHNIR, K.; CASTRO, C. (Organização, seleção e notas). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WIESER, Doris. Luiz Alfredo Garcia-Roza (Brasil) – “Você tem boa literatura e má literatura e o gênero não importa” (entrevista realizada em 08.03.2006). In: **Crímenes y sus autores intelectuales:** entrevistas a escritores del género policial en América Latina y África lusófona. Munique: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2010, p.109-120.